

declive de um caminho. A largura da tira é medida em varas. Tradicionalmente, os cantos da gleba são marcados por uma árvore de nome pau-sabão (*Dracaena arborea*), enquanto sebes de quime (*Newbouldia laevis*) ou maigoso (*Mammea africana Sabine*) são plantadas entre as árvores de demarcação. Geralmente, as glebas contêm uma aglomeração de árvores de reprodução semiespontânea, uma vez que os Forros evitam tradicionalmente as culturas que exigem trabalho regular. Na época colonial, a posse de uma gleba era um privilégio exclusivo dos Forros que marcava o seu estatuto de cidadãos livres. A gleba era importante para os validar como membros da comunidade forra, mas não tinha grande valor sob o ponto de vista da produção agrícola. Como outras propriedades, a herança de glebas é bilateral. Todos os filhos recebem uma parte igual de terra, mas há um elemento de primogenitura, visto que os filhos recebem a sua parte por ordem de nascimento. O filho mais velho recebe o lote junto ao caminho, enquanto o mais novo recebe o mais distante, na parte baixa da encosta. A terra herdada não é necessariamente dividida entre os herdeiros, podendo ser também utilizada em comum. As glebas podem ser vendidas e compradas, mas a maior parte dos proprietários prefere arrendar as terras familiares. Antes da expansão das roças pelos colonos no século XIX, crioulos nativos proeminentes possuíam terras privadas de maior extensão. A recente distribuição de terras a trabalhadores agrícolas conferiu pela primeira vez a imigrantes africanos e aos seus descendentes o direito hereditário de posse.

#### BIBLIOGRAFIA

- BAPTISTA, Augusto, *Floripes Negra*, Coimbra, Cena Lusófona, 2001.
- ESPÍRITO SANTO, Carlos, *A Coroa do Mar*, Lisboa, Editorial Caminho, 1998.
- REIS, Fernando, *Povo Flôgá. O Povo Brinca. Folclore de São Tomé e Príncipe*, São Tomé, Câmara Municipal de São Tomé, 1969.
- SEIBERT, Gerhard, *Camãradas, Clientes e Compadres. Colonialismo, Socialismo e Democratização em São Tomé e Príncipe*, Lisboa, Editora Vega, 2001.
- VALVERDE, Paulo, *Máscara, Mato e Morte em São Tomé. Textos para uma Etnografia de São Tomé*, Oeiras, Celta Editora, 2000.

G. S.

## Antropologia de T.

A diversidade entre os habitantes de Timor, no que diz respeito às suas culturas, línguas e aparência física, torna o estudo destes povos num desafio complexo para os antropólogos.

É comum subdividir a população de Timor conforme a língua falada. Assim, actualmente, distinguem-se geralmente quinze grupos etnolinguísticos em Timor-Leste, enquanto em Timor Ocidental o número é de apenas quatro, três destes com línguas também faladas em Timor-Leste.

A investigação linguística ainda se encontra na fase inicial, não obstante os registos lexicográficos do tétum feitos desde o século XIX. A pesquisa de algumas das outras línguas foi iniciada nos anos 1950. Sobre os trabalhos recentes, mencionamos em especial as iniciativas desenvolvidas pelo Instituto Nacional de Linguística em Dili, com programas dinamizados por Geoffrey Hull e a publicação, desde 1998, da revista *Studies in Languages and Cultures of East Timor*.

Do ponto de vista da antropologia física (ou biológica), Timor também apresenta uma grande variedade. Ao lado dos Timorenses com traços vulgarmente designados por «malaios», há aqueles de tez mais escura, com traços chamados «melanésios» ou «papua» – e ainda muitos outros, cuja classificação seria inviável. Há muito que os investigadores tinham reparado não existir convergência entre tipo de língua e fenótipo. Para além disso, existem fenótipos bastante variados dentro do mesmo grupo etnolinguístico. O naturalista inglês Alfred Russel Wallace, que esteve na ilha em 1861, foi um dos primeiros a debruçar-se sobre este assunto. Mais tarde, vários holandeses, nomeadamente Hendrik Bijlmer, realizaram pesquisas no âmbito da antropologia física na zona de Timor, e todos constataram a impossibilidade da construção de uma taxonomia a esse respeito.

Grande parte dos estudos efectuados pelos Portugueses no período colonial sobre a população de Timor foram na antropologia biológica. Esta foi, aliás, juntamente com o levantamento da cultura material, a orientação dominante da antropologia portuguesa nas colónias, tendo ficado patente nas fotografias do chamado «Album Fontoura», tiradas no âmbito de um projecto a que agora chamaríamos «antropologia visual», encomendado pelo governador Alvaro da Fontoura, nos finais da década de 1930.

Vários estudos da antropologia física de Timor realizaram-se em Portugal, nomeadamente a partir de crânios existentes em museus, tais como os 35 exemplares do Museu da Universidade de Coimbra, pela primeira vez descritos em 1893-1894. A aquisição de crânios em Timor foi facilitada pelo lugar central que os rituais de caça à cabeça ocupavam nas culturas dos povos da ilha. Timorenses que ofereciam as cabeças dos adversários vencidos aos Portugueses recebiam panos ou jóias em troca.

António Mendes Corrêa, médico e figura de referência da antropologia portuguesa do antigo regime, publicou, a partir de 1916, alguns estudos de cujos títulos constavam os termos «Timor» e «antropologia». As fontes para estes textos foram, entre outras, os registos da Coleção Fontoura e os crânios existentes em Portugal. Outro material valioso para Mendes Corrêa foram os manuscritos e apontamentos deixados pelo militar e antropólogo Arthur Augusto Fonseca Cardoso, que tinha examinado centenas de indivíduos em Timor nos seus traços físicos, e, também, a observação e mensuração dos timorenses presentes na Exposição Colonial, de 1934, no Porto, e na Exposição do Mundo Português, de 1940, em Lisboa. Apenas uma década depois da finalização da sua obra clássica, *Timor Português: Contribuições*

para o *Seu Estudo Antropológico*, publicada em 1944, Mendes Corrêa travou conhecimento *in situ* com a longínqua colónia.

No que diz respeito à Pré-História e à arqueologia, registem-se os trabalhos pioneiros de Fritz Sarasin. Nos anos 50, a equipa de António de Almeida achou alguns utensílios em pedra. Investigação sistemática por Ian Glover no período 1966-1967 permitiu, embora de forma muito provisória, uma reconstrução da Pré-História em Timor. Glover não encontrou indicações para habitação humana antes de 11 000 a.C. No entanto, investigações posteriores de uma equipa australiana apontam para uma presença humana que data de há mais de 35 000 anos.

Quanto à etnografia e à antropologia cultural, conhecemos descrições das culturas e sociedades em Timor já a partir do início do século XVI, feitos por navegadores, funcionários e missionários de várias nacionalidades. Entre esses encontram-se Tomé Pires, Duarte Barbosa e Pigafetta, tendo este último acompanhado a expedição de Magalhães.

Mais tarde, vários administradores retrataram a sociedade, geralmente para apoiar e justificar medidas governamentais. Um governador particularmente estudioso foi Affonso do Castro, cujas experiências e investigações, realizadas por volta de 1860, foram registadas em relatos importantes sobre os costumes e a cultura material de Timor-Leste nesse tempo. Um dos seus sucessores, Lacerda Maia, governador de 1885 até 1887, desenvolveu mesmo um projecto para a criação de um museu em Timor e a preparação de monografias. Entre os holandeses vizinhos existia algum interesse pelos estudos feitos por funcionários no Timor Português, e até foram incluídos dois nos *Adatrechtbundels* de 1937, a série científica holandesa que tratava em pormenor os costumes e o direito tradicional nas várias partes do arquipélago malaio.

Em 1953, deu-se início aos trabalhos da Missão Antropológica de Timor, um projecto da Junta das Missões Geográficas e de Investigações do Ultramar. As tarefas propostas relacionavam-se com a antropologia física e com a Pré-História, e quanto ao aspecto sociocultural, visava-se o levantamento de dados sobre «a dieta, registo de mutilações étnicas, o número de filhos, vivos e mortos, alguns dos seus usos e costumes e dados linguísticos, etc.» (Almeida 1994: 26).

Apesar das suas limitações teóricas e constrangimentos ideológicos, este Centro contribuiu claramente para o desenvolvimento da antropologia cultural e social em Timor-Leste. António de Almeida, a sua figura central, foi um investigador produtivo em áreas tão diversas como a antropologia física, a Pré-História, a linguística e o «estudo de usos e costumes». Realizou pesquisas entre um grande número de grupos etnolinguísticos, e também entre os chineses oriundos de Macau residentes em Timor. As suas investigações carecem de profundidade e as suas publicações ficam-se pela descrição, não atingindo o estágio de análise.

Dos outros portugueses que se dedicavam ao estudo da cultura timorense nessa época, é Ruy

Cinatti a quem se devem os estudos de maior valor científico, ainda hoje actuais. Este agrónomo, também poeta e antropólogo, viveu longos anos em Timor-Leste, nas décadas de 40, 50 e 60 do século XX. Nas suas descrições e análises da arquitectura, demonstrou bem a diversidade cultural entre os vários grupos etnolinguísticos e indicou a relação entre tipo de casa e organização social, vida ritual e económica. Também descreveu em pormenor as técnicas tradicionais de tecelagem *ikat*, que produziram os característicos desenhos nos tais, panos cujas funções se estendiam para o terreno simbólico e ritual.

Deste período data a publicação do primeiro estudo abrangente sobre um povo de Timor: os Atoni de Timor Ocidental (e de Oikusi). Foi realizado pelo funcionário holandês, mais tarde catedrático em antropologia, H. G. Schulte Nordholt. Este estudo foca os aspectos políticos e rituais, apoiando-se no modelo estrutural e algumas outras orientações teóricas presentes na antropologia neerlandesa nos meados do século XX. Iniciaram-se também outros estudos em Timor, que ultrapassaram o formato meramente descritivo: Henri e Maria Olimpia Campagnolo estiveram com os Fataluku, onde tiveram atenção especial para o parentesco e a linguística; David Hicks estudou entre os Tétum rituais e outros fenómenos socioculturais. O trabalho de James Fox sobre Timor e zonas circundantes, de elevada qualidade, revela-se de grande importância para o estudo das culturas de Timor-Leste, por permitir uma abordagem comparativa.

Durante a ocupação indonésia, foi impossível realizar-se investigação social independente. Para além disso, a actuação indonésia provocou uma perda cultural em grande escala. Não obstante este facto, cientistas indonésios de renome analisaram nos primeiros anos da ocupação a literatura antropológica relevante e realizaram descrições e sínteses acerca da antropologia cultural, a linguística e a vida económica, publicadas mormente na prestigiada revista *Berita Antropologi* (1980).

Após a independência, e apesar das enormes dificuldades, verificou-se uma grande motivação para a retoma da pesquisa antropológica. Desta vez com a participação de investigadores timorenses, alguns dos quais academicamente graduados por universidades estrangeiras. Vale mencionar, a esse respeito, Filomeno Jacob, Justino Guterres, Apolinário Guterres e Francisco Guterres. De registar, por fim, que nas instituições de ensino secundário e superior, a antropologia tem hoje, em Timor-Leste, um papel de destaque.

#### BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, António de, *O Oriente de Expressão Portuguesa*, Lisboa, Fundação Oriente, 1994, pp. 103-678.

CASTRO, Affonso de, *Résumé historique de l'établissement Portugais à Timor, des us et coutumes de ses habitants*, Tijdschrift voor Indische Taal-, Land- en Volkenkunde, vol. 11, pp. 465-506.

TRAUBE, Elisabeth G., *Cosmology and Social Life: Ritual Exchange among the Mambai of East Timor*, Chicago, University of Chicago Press, 1986.